

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS

Suzana Lima Gomes Nunes de Souza

Uma Cartografia Possível: mapeando uma escola na periferia de Juiz de Fora

Juiz de Fora
2019

Suzana Lima Gomes Nunes de Souza

Uma Cartografia Possível: mapeando uma escola na periferia de Juiz de Fora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora Profa. Ma. Ana Paula Chaves Mello

**Juiz de Fora
2019**

RESUMO

A Escola Estadual Bernardo Mascarenhas é uma pequena mas tradicional instituição localizada na Zona Norte da cidade de Juiz de Fora. Embora tenha 51 anos de idade, tem pouca história documentada e pouco se fala sobre suas origens. Ao realizar um projeto de descoberta da própria escola, pretende-se valorizar a instituição como espaço físico, histórico, social e afetivo. À luz de grandes educadores brasileiros como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, é necessário reconhecer tanto alunos quanto professores como atores da construção do conhecimento. Procura-se neste projeto, portanto, quebrar a apatia e contribuir para a busca por autonomia e autoestima. A metodologia denominada cartografia reinventa o modo de pesquisar uma vez que investiga processos de construção de subjetividade, ao invés de simplesmente documentar um objeto estático. “Cartografando” foi possível mapear as relações que as pessoas estabelecem entre si e com a escola que habitam, além de registrar processos de descoberta.

Palavras-chave: cartografia, arte-educação, abordagem triangular.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Começando pelo meio.....	9
Cada aluno um cartógrafo.....	15
Considerações finais.....	22
Referências Bibliográficas.....	23

A escola é o local de trabalho do professor, sua oficina, seu laboratório, seu ateliê, o lugar que é organizado para o seu fazer. (...) Se pensarmos que o lugar sagrado da escola é (ou era) a sala de aula, talvez pudéssemos dizer que o professor sente qual é sua vocação quando percebe o chamado da sala de aula ou (...) quando a beleza desse lugar e o que se faz nesse lugar lhe dão vontade de trabalhar ali. (LARROSA, 2018)

INTRODUÇÃO

Conhecer uma escola nova, sua equipe e comunidade não foi tarefa simples. Ao ser nomeada para o cargo de Professora de Educação Básica na disciplina de Arte na Escola Estadual Bernardo Mascarenhas, recebi vários alertas. Antes mesmo de ser apresentada ao espaço físico da escola, fui contemplada com várias descrições desconcertantes da instituição, seus alunos e equipe. Todo profissional que já tivesse contato com esta instituição, tinha uma opinião forte para emitir. Por isso, achei por bem conhecer o local o quanto antes.

Na data desta visita, no início de dezembro do ano de 2018, não havia iniciado a pesquisa para o presente trabalho, nem estava familiarizada com a metodologia cartográfica. Entretanto, pela forma como a visita foi conduzida, é possível chamá-la de “etapa de rastreio”

Para Kastrup, há quatro tipos de atenção próprias do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento.

O rastreio é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel. (...) A atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco (...). (KASTRUP, 2015, p.40)

A E. E. Bernardo Mascarenhas é uma escola situada no bairro Barbosa Lage, Zona Norte de Juiz de Fora que atende Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio regular e noturno. A população que esta instituição recebe é, em grande parte, oriunda dos bairros Jóquei Clube II, Jóquei Clube III e Parque das Torres. A nota da instituição no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2015 foi 3,1, muito abaixo de 4,1, a média do município para a rede estadual¹. Isto poderia evidenciar uma precariedade na estrutura da escola ou na vida dos educandos. Entretanto, a primeira impressão que se tem, antes de entrar na escola, é sobre o grafitti que cobre sua fachada principal.

¹ Dados coletados no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) – www.ideb.inep.gov.br



Figura 1 – Grafitti que cobre parte do muro da escola

O próprio grafitti, realizado já há algum tempo, evidencia a realidade violenta da comunidade: as frases “covardia contra a juventude” e “mais uma vítima da violência”, ao lado de um revólver e um rapaz que chora. Essa imagem me pareceu de uma importância tremenda para o contexto daquele lugar. Logo na primeira semana, tentei sondar sobre o que essa obra se referia e não encontrei resposta. Perguntando aos alunos foi possível perceber que o projeto havia sido realizado antes que eles estudassem ali. Não obtive qualquer esclarecimento através da equipe escolar. Recentemente descobri mais sobre o caso através de uma notícia de jornal: um rapaz de 21 anos à época foi assassinado no bairro Jôquei Clube II no dia seguinte ao natal de 2014².

Do ponto de vista estrutural, trata-se de uma escola pequena. Salas de aula são apenas seis. A sala dos professores divide o mesmo cômodo com a biblioteca. Por esta razão, os alunos não têm livre acesso aos livros. No período do intervalo, para que seja possível sentar, beber um gole de café e conversar, os professores fecham a porta. A bibliotecária passa a maior parte do tempo atendendo alunos com sérias dificuldades nas disciplinas de português e matemática. Por isso, a entrada dos alunos é quase sempre barrada. Para o empréstimo de livros, o aluno deve comparecer durante o período de aula, na data estipulada para a sua turma acessar a biblioteca. Entretanto, o espaço externo é enorme e pouquíssimo aproveitado. Segue um esboço da visão aérea e uma

² <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/05/16/grupo-e-condenado-por-assassinato-de-rapaz-no-bairro-joquei-clube-ii-em-juiz-de-fora.ghtml>

planta detalhada dos espaços internos da escola para que o leitor se familiarize com os espaços aqui descritos.

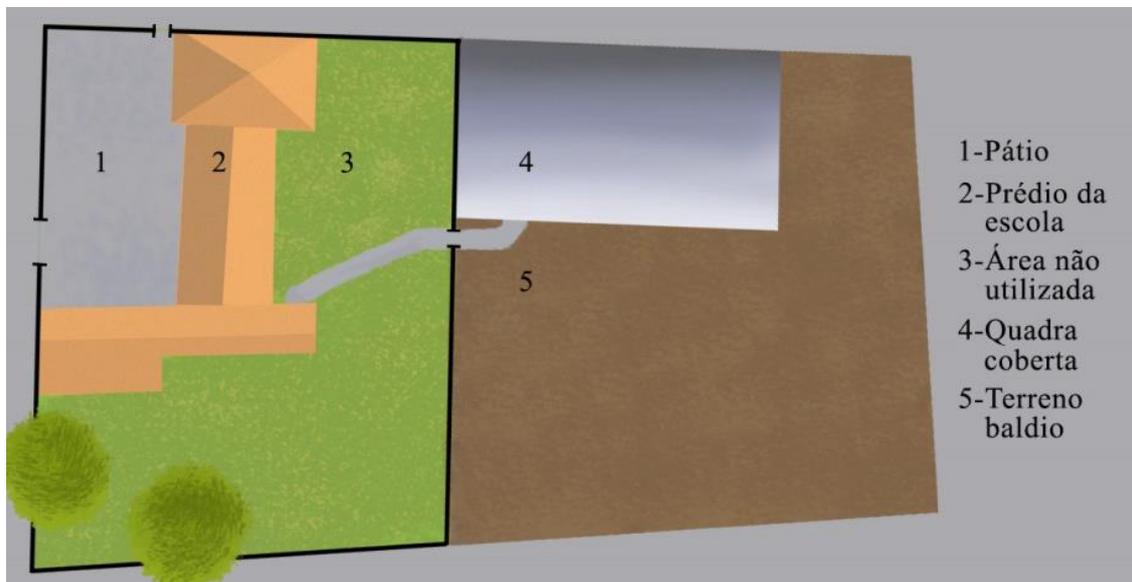


Figura 2 - Vista aérea do terreno em que se encontra a escola

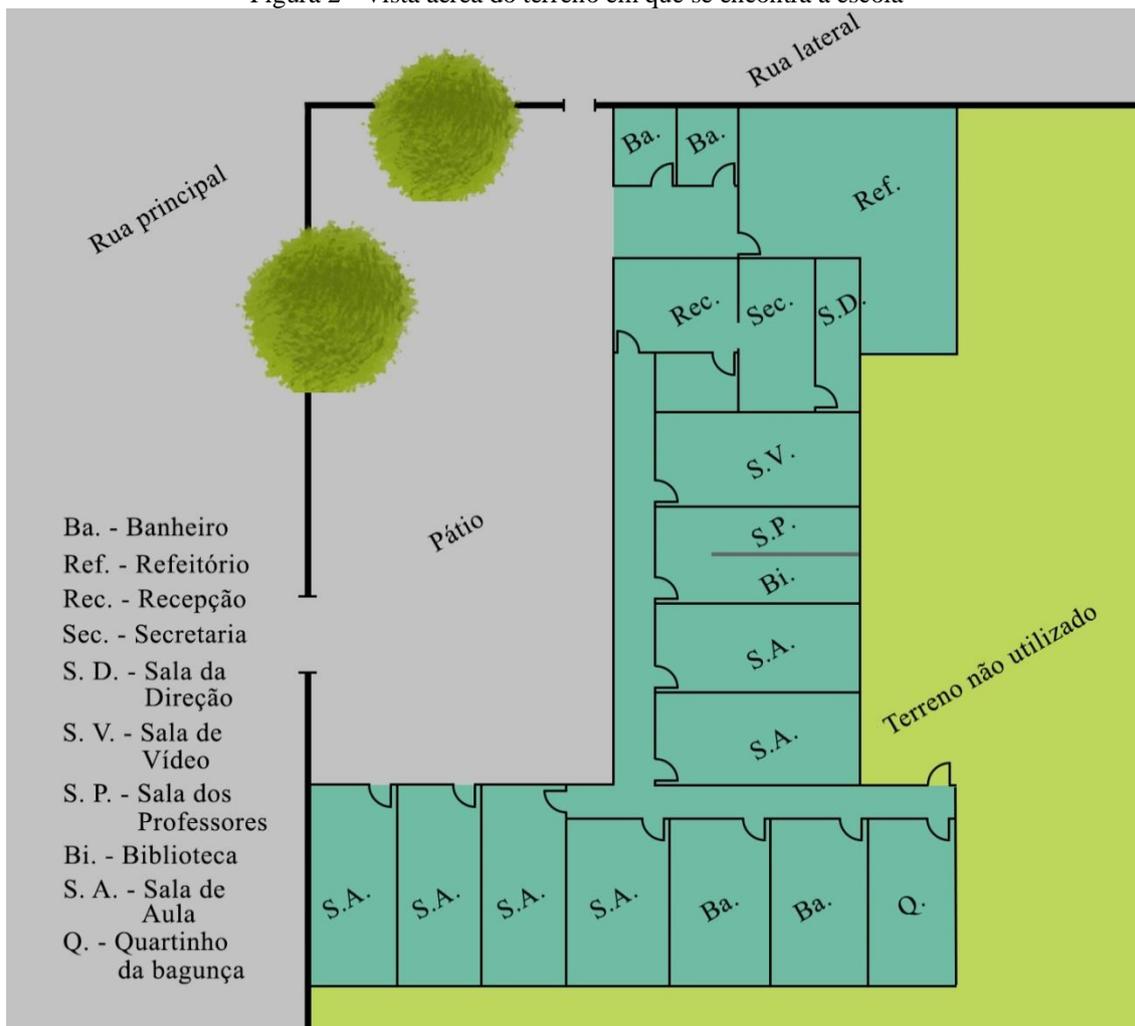


Figura 3 - Planta aproximada dos espaços internos da E.E. Bernardo Mascarenhas

A vista aérea, realizada a partir das medidas coletadas de uma fotografia de satélite, demonstra a distribuição dos espaços: a área útil da escola ocupa menos que a metade do espaço protegido por muros. Se for levada em conta a área total, somando escola, quadra e área não utilizada, trata-se de um quarteirão inteiro.



Figura 4 - dois registros da área não aproveitada: à esquerda fotografia realizada em dezembro de 2018 mostra janelas com sinais de arrombamento; à direita foto de maio de 2019 na qual é possível ver o mato alto.

COMEÇANDO PELO MEIO

Ao entregar os horários do ano letivo de 2019, um professor, de nome Mateus³, pediu para conversarmos em particular. Neste momento, com um tom muito grave, disse que precisava me avisar de algo: esta era a pior escola da cidade. O professor já conhecia a escola porque ali trabalhava há mais de 5 anos, mas sabia que eu estava começando agora, recém efetivada. Neste caso, eu precisava saber que a criminalidade ali era muito grande e crescente, que os alunos não tinham qualquer potencial acadêmico ou profissional e que a equipe escolar não cumpria seu papel. Não há qualquer exagero neste relato. Mateus encerrou: “na primeira oportunidade você sai daqui. Pede transferência. Não diz que eu conversei isso com você não, porque vai dar problema pra mim. Mas a gente tem que avisar os novatos. Eles fazem assim mesmo. Jogam a gente nos piores lugares quando a gente assume. Depois melhora”.

³ Nome fictício a fim de preservar a identidade do profissional.

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nesta medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso. (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 58-59)

Nesse momento, o desafio imposto era entender que processos estavam se desenrolando ali. Embora se iniciasse um ano letivo, e se cultivasse um clima de ‘tudo novo de novo’, essa era apenas a camada mais superficial daquela realidade. Alguns dias antes deste preocupante alerta, ouvi um conselho da diretora: “aqui não é difícil de trabalhar. Você só precisa se doar”. Se eu estava “começando pelo meio”, como afirmam as pesquisadoras, é necessário perguntar: o que estava acontecendo nesta escola quando lá cheguei?

De repente algo sensibiliza o pesquisador. Sente-se um toque, ou seja, uma sensação rápida, um vislumbre, que torna possível o processo de seleção do objeto de pesquisa⁴.

O toque pode levar tempo para acontecer e pode ter diferentes graus de intensidade. Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado. (KASTRUP, 2015, p.43)

Esse toque, como a autora enfatiza, realmente demorou a acontecer. Ao longo dos últimos 3 meses, a dúvida foi excruciante: o que há de diferente nessa escola? O que há de relevante no meu trabalho para motivar uma pesquisa? Como colocar tudo isso no papel? Ao final, a descoberta foi bastante simples: há que se valorizar e entender os processos que ali ocorrem. As pessoas, tanto alunos quanto professores, que habitam aquele lugar parecem achar que nada que ali acontece é importante. Ninguém que passa por ali tem valor ou potencial. Aquela escola é apenas um local de passagem para se conseguir um diploma e aí sim começar a viver. Pretendo colaborar para uma mudança nesse pensamento.

⁴ Kastrup, 2015, p.42

Para além das características estruturais da instituição, comecei a observar as pequenas marcas deixadas pelos alunos nas carteiras e paredes. Esses atos de ‘vandalismo’ demonstram algumas questões dessa escola e das pessoas que a habitam. Sem saber a grafia correta da palavra “reutilizar”, o aluno rascunhou várias possibilidades na carteira durante o período das provas finais.

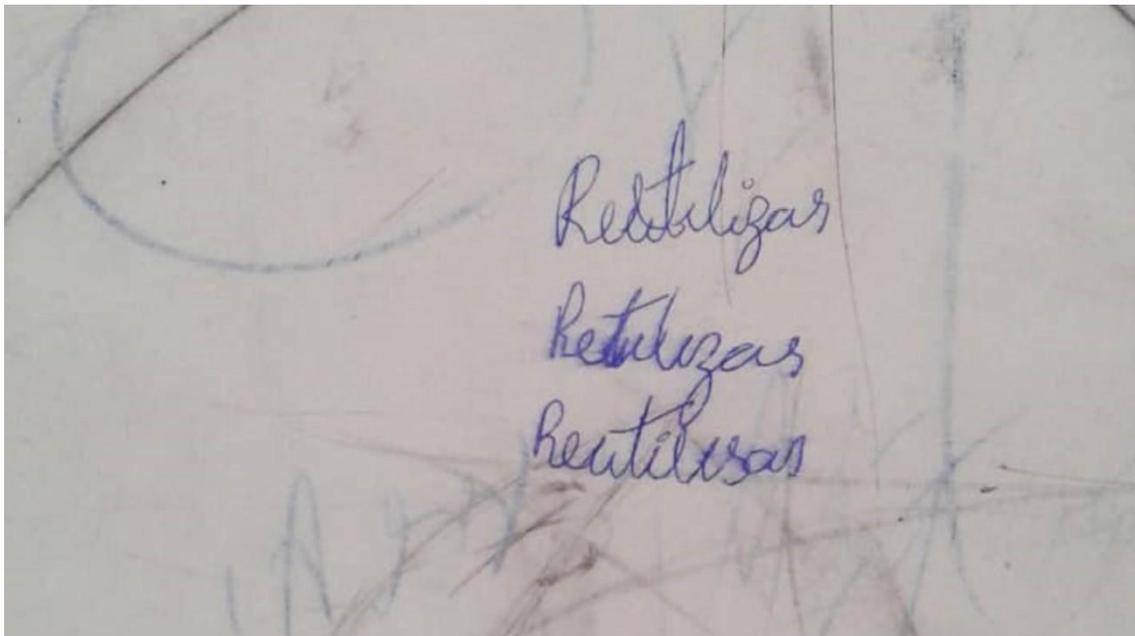


Figura 5 - Rascunho em uma carteira

Felizes com o encerramento do ano letivo, vários alunos se expressaram na superfície das carteiras.

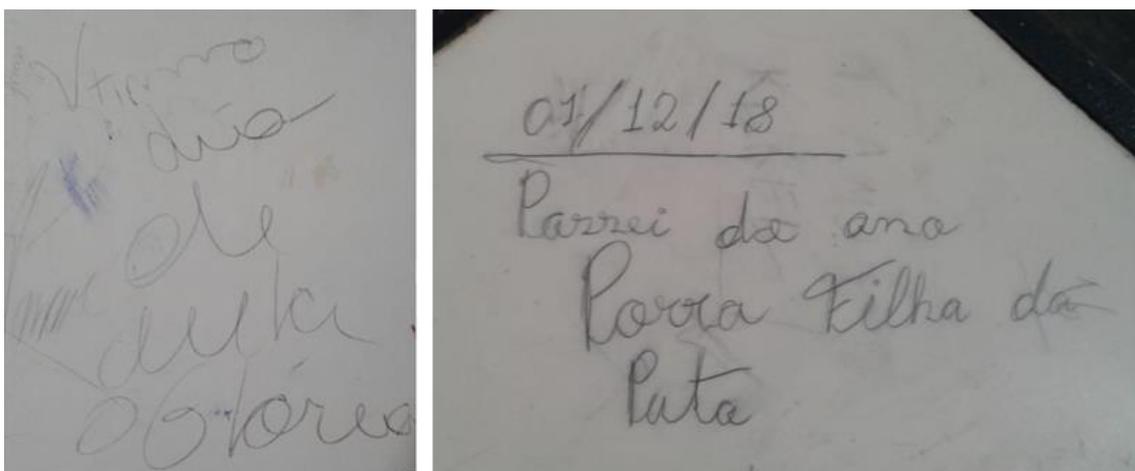


Figura 6 - Comemorações de fim de ano na superfície de carteiras

Mas, obviamente, nem tudo que se via ali era festivo e inocente. Alguns registros causam desconforto e até mesmo preocupação.



Figura 7 - Frases desconcertantes escritas nas paredes de salas de aula



Figura 8 - "pixação" com a abreviação de "Zona Norte", região em que a escola se localiza.

Antes que as férias de fim de ano se iniciassem pude perceber alguns tímidos sinais de ufania. Na figura 8, por exemplo, vê-se uma exaltação da Zona Norte, uma das regiões mais pobres e violentas da cidade. Em outros pontos da escola, havia a assinatura de vários alunos, com a grafia típica da pixação e abreviações. Previsivelmente, essa apropriação do espaço escolar pela estética da periferia não foi bem aceita pela direção e supervisão. Associados com a violência e a criminalidade, esses sinais foram apagados durante o período de recesso com uma demão de tinta e muito material de limpeza. Em fevereiro a escola estava nova em folha. Mas, lentamente essas intervenções voltam a aparecer:



Figura 9 Porta de uma sala de aula registrada em maio de 2019

Há, portanto, um esforço para se apropriar do espaço da escola. Os alunos, embora sintam um distanciamento entre sua realidade e o universo escolar, procuram persistentemente tomar para si este lugar com o qual não se identificam. Enquanto isso, a própria escola dedica-se a enquadrar esses indivíduos em uma rígida ordem de horários e conduta. Estes conflitos impedem que se construa um sentimento de pertencimento, afastando cada dia mais o jovem da escola.

Por fim o cartógrafo pausa:

O gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala. (...) mudamos de janela atencional. (KASTRUP, 2015, p. 43.)

Sobre a janela atencional, a autora prossegue: “Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes”⁵. Essa janela, como metáfora, abriu portas para a pesquisa. Foi ela, justamente que forçou o pouso. Em um primeiro momento, quando ainda rastreava, realizei uma fotografia da janela de uma sala de aula para registrar o estado de abandono em que a instituição se encontrava. Essa fotografia, hoje é possível perceber, era uma metáfora para uma visão muito superficial daquele espaço: um prédio desgastado pelo tempo e pelas dores ali sofridas. Esta era minha perspectiva, a princípio.

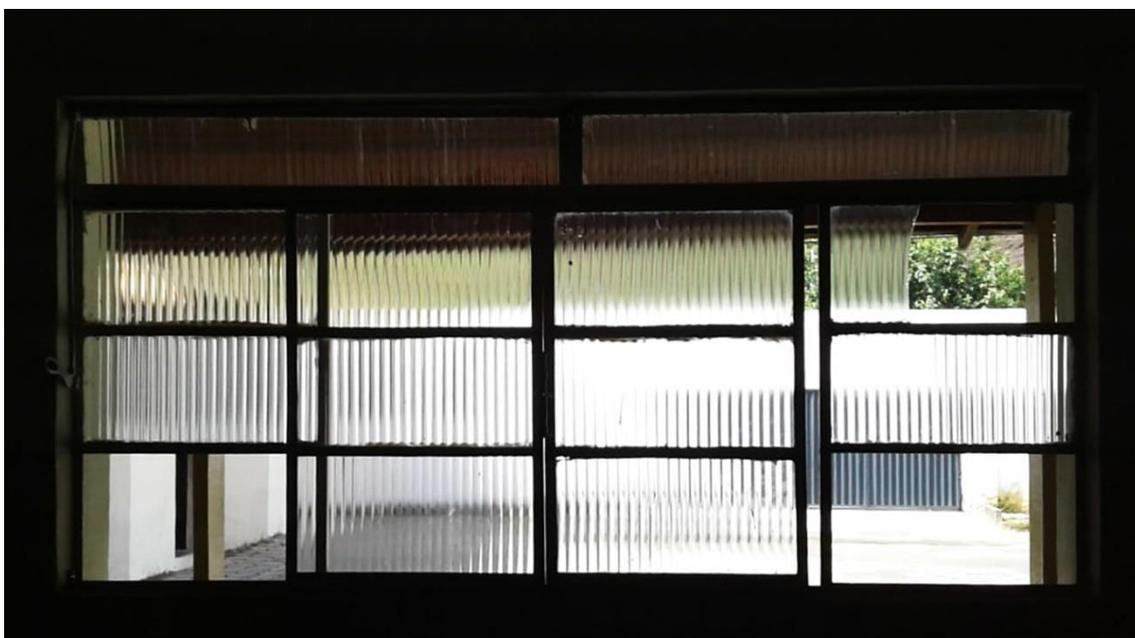


Figura 10 - Janela da sala do 9M1 e do 6T1. Através dos vidros quebrados é possível vislumbrar uma parte do pátio.

Já a segunda fotografia, realizada alguns meses depois, revela o oposto. O terreno não utilizado, localizado literalmente do lado oposto ao pátio, demonstrando sinais de vida. O mato, naquele momento, poderia representar a potencialidade daquele lugar, daquelas pessoas, daquele trabalho. Não necessariamente da forma ordeira que alguns profissionais desejariam, mas, como uma força da natureza imbatível.

⁵ Kastrup, 2015, p. 44



Figura 11- Janela da Sala dos Professores. A sala está protegida com 2 grades, uma delas com sinais de arrombamento.

A metáfora da janela suscitou muita reflexão sobre a questão do ponto de vista. Para cada indivíduo a escola tem um sentido diferente. A professora designada em abril tem uma perspectiva, o vice-diretor que lá trabalha há 14 anos pensa diferente do aluno de 6º ano. Cada indivíduo com a sua janela para a percepção do mundo e das coisas que o cercam. Seguindo essa linha de raciocínio e aproveitando o aniversário da escola que se aproxima, inicio um projeto de ‘reconhecimento’ da escola. Pedi aos alunos que entrevistassem pessoas que conheçam a escola de alguma maneira, que já estudaram lá ou trabalharam, para descobrirmos mais sobre ela. Antes que os resultados fossem apresentados, não tinha uma visão clara do que estava procurando, mas era certo que pretendia ir além das questões formais, do ano de fundação, da personalidade que inspira o nome da escola. Considero mais interessante pesquisar como as pessoas percebem esse espaço.

CADA ALUNO UM CARTÓGRAFO

Qual a janela de percepção de cada aluno sobre a escola? Como eles vêem a instituição? Como eles se percebem dentro deste espaço? Essas não são questões fáceis de serem respondidas. A turma escolhida para a pesquisa foi a do 9º ano. Embora a

escola possuía 12 turmas no total, a mim foram oferecidas apenas sete: duas de 6º ano, duas de 7º ano, duas de 8º ano e uma de 9º ano.

Desde a primeira semana, esta foi a turma que mais me intrigou. Logo no primeiro dia de aula propus que a turma, dividida em grupos, fizesse uma colagem com temas relativamente vagos. Os alunos que receberam a tarefa de representar o “futuro” escolheram a imagem de um casal, uma foto de uma mulher grávida, outra de um grupo de policiais e, no canto inferior direito da cartolina, a cena de um funeral. Quando questionados sobre o que aquilo representava, eles afirmaram que esse era o curso natural da vida: casar, ter filhos e morrer. Perguntei o que queria dizer a polícia, se eles pretendiam ser policiais. As respostas foram pouco coerentes: um aluno disse que teria escolhido essa imagem para agradar o atual presidente, outro fez críticas ao trabalho policial. Quando indaguei sobre profissão e emprego, um deles perguntou: “roubar é profissão?”

Algumas semanas mais tarde, uma aluna, fora do horário da aula, quis saber: “você já viu algum aluno de escola pública passar no vestibular para medicina?”. Essa aluna se tornou a mais assídua e dedicada na aula de artes no momento em que soube que a disciplina “caiu no ENEM”. Quase no final do 1º bimestre, aproximadamente dois terços da turma realiza as atividades. O outro terço ignora tanto as aulas expositivas quanto as práticas e as discussões, quaisquer que sejam.

Ao longo do bimestre, uma certeza se apresentava: era necessário valorizar tanto a disciplina de artes, quanto a própria escola. Pois então chegou o momento de discutir a figura de Bernardo Mascarenhas, personagem que inspira o nome da escola. Após ouvir atentamente todos os feitos que Mascarenhas realizou, um aluno indagou “Mas se Bernardo Mascarenhas era tão rico e fez isso tudo aí, então por que a escola é essa porcaria?”. Nesse momento, se iniciou uma discussão sobre tudo o que faltava na instituição. Percebi então que surgiu uma fagulha de curiosidade sobre tudo que nos precedeu naquele espaço. Para Paulo Freire (2018) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Sob a ótica freireana, avessa a chamada ‘educação bancária’, não havia outra coisa a fazer a não ser devolver a pergunta: “por quê, afinal, essa escola é assim?”

Os alunos sabiam descrever com muita facilidade todos os defeitos da escola, desde a falta de um laboratório de informática para a realização de trabalhos até a qualidade da merenda. Mas ao serem questionados sobre a idade da escola, sobre os ex-

alunos, sobre eventos de destaque que ocorreram ali, a resposta era um silêncio retumbante. A postura ativa que Freire sugere ao docente está em consonância com a metodologia cartográfica:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2018, p. 53)

Pois então decidi enfatizar, nas semanas seguintes, tudo o que lá existe. Propus uma pesquisa sobre a história da escola, através de entrevistas com os funcionários e ex-alunos. Ao comando “cite uma história sobre a escola”, surgiram alguns textos interessantes. Reproduzo a escrita dos alunos da turma de 9º ano de maneira literal, sem qualquer correção ortográfica ou gramatical.

Bom minha irmã jamais, e antigamente a escola era dividida em 2 blocos, um que funcionava aqui em Barbosa Lage mesmo. (Luciene⁶)

Bom minha história escola Bernardos mascarenha era divididas 2 duas escola jaque essa aqui afundando? (Daiane)

Bom minha irmã se formou aqui, e antigamente a escola era dividida em 2 blocos um funcionava aqui no Barbosa Lage a outra no Jóquei, mas o prédio lá do Jóquei depois foi usado para outras coisas então ficou estabelecido essa aqui de Barbosa Lage mesmo. E a escola Bernardo Mascarenhas esse ano de 2019 completa 51 anos. (Ana Gabriela)

Que no dia do aniver da escola a banda do Exercito veo apresentar aqui ai o turno do tempo integral deram um presente a eles e assim foi ao tempo do ano passado. (Manuela)

O DIA EM QUE A RENATA CANCELOU A AULA, PORQUE ALGUNS MENINOS FALARA-M QUE IA DA TIRO KKK NO INICIO DO ANO DE 2019, EU ESTAVA (apagado com corretivo) VINDO PARA ESCOLA E TIVE VOLTA (Marcelo. O aluno escreveu o relato em letras garrafais)

(citando o regimento interno da escola) A história da atual Escola Estadual “Bernardo Mascarenhas” se confunde com a história do conjunto habitacional Jóquei Clube. Foi depois de muitos entendimentos, pedidos da comunidade e comprovação feita à Prefeitura de Juiz de Fora da necessidade de uma escola para a crescente população do conjunto que, finalmente, no ano de 1972 a COHAB/MG, por seu presidente Dr. Juarez de Souza Carmo, e o diretor financeiro Dr. José Feliciano, comprometeu a ceder à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, representada por seu prefeito municipal Dr.

⁶ A fim de preservar a identidade dos alunos, foram usados nomes fictícios.

Agostino Pestana Neto, parte do prédio situado no bairro Jóquei Clube, que serviu para galpão de obras, durante a construção do conjunto. (Ana Virgínia)

Todo este material foi organizado no formato de uma edição do ‘Jornal BM’, o jornal da escola. Trata-se da primeira edição da publicação, que deve ser realizada em caráter bimestral.

Houve um pouso da atenção, tanto por parte da docente quanto dos discentes. Inicia-se assim, a última fase da pesquisa: o reconhecimento.

O reconhecimento atento é o quarto gesto ou variedade atencional. O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntarmos ‘o que é isto?’ saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento. A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada com um ‘vamos ver o que está acontecendo?’, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto. É preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção, repetindo mais uma vez o gesto da suspensão. (KASTRUP, 2015, p. 44-45.)

Acesa a fagulha da curiosidade, decidi iniciar uma pesquisa fotográfica. Usando a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012), realizei as etapas de contextualização e de fruição, explicando as origens históricas da fotografia e usando alguns exemplos das mais antigas imagens fotográficas. Em seguida, pedi que os alunos realizassem uma excursão por seus ‘lugares favoritos’, ressaltando o que mais gostavam na escola. Interessantemente, o afeto pelos espaços parece estar fortemente ligado às atividades realizadas naqueles lugares: a aluna mais estudiosa decidiu fotografar a biblioteca enquanto a que pratica vôlei no contraturno preferiu a quadra.



Figura 12 - Fotografia da aluna Luciene

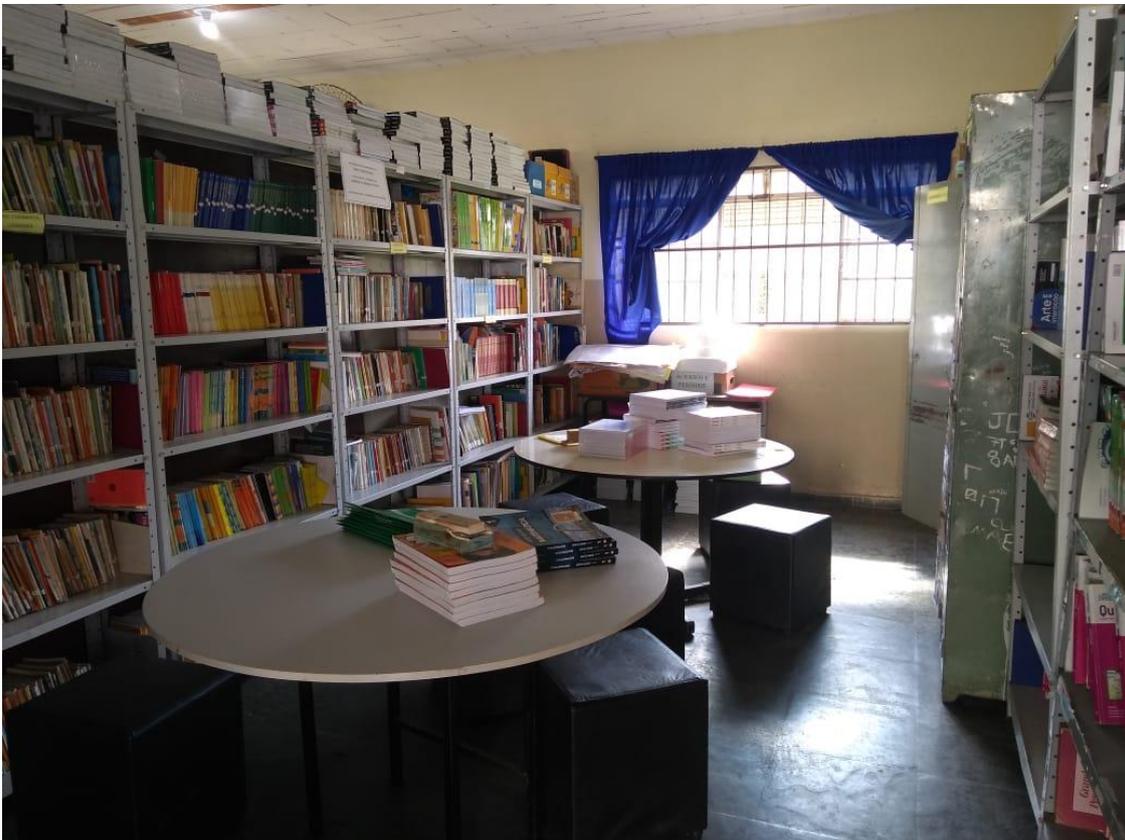


Figura 13 - Fotografia da aluna Ana Gabriela



Figura 14 - Fotografia da aluna Ana Virgínia



Figura 15 - Fotografia da aluna Daiane



Figura 16 - Fotografia da aluna Manuela



Figura 17 - Fotografia do aluno Marcelo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como encerrar uma pesquisa se o processo continua em curso? Em um período vago na escola, folheando os livros didáticos da disciplina de artes em busca de atividades para incluir no planejamento da semana seguinte, deparei-me pela primeira vez com sua introdução:

A arte é assim. Está mesmo em todos os lugares e é criada e apreciada por toda a gente. Estudá-la é procurar mais maneiras para encontrá-la. (...) Somos seres culturais. Por isso inventamos linguagens, entre as quais muitas são artísticas. Nosso estudo quer ajudá-lo a desvendar essas linguagens para compreender e fazer arte. (FERRARI, S; KATER; FISCHER; FERRARI, P, Apresentação, 2015)

Reconheci neste texto um esforço que eu mesma tenho feito ultimamente: justificar a importância do estudo da arte. Por que sentimos tanta necessidade de explicar a relevância da arte-educação? O mérito de disciplinas como as línguas (portuguesa e estrangeira) e matemática é auto-evidente: é indispensável para a vida moderna saber ler e escrever; é cada dia mais necessário observar o inglês como língua global; a matemática é fundamental para o entendimento até do troco recebido na padaria. Já as disciplinas classificadas como sendo da “área de humanas” estão em continuado e progressivo descrédito. Isso é visível no cotidiano das escolas. A cada aula, toda semana, se ouve um comentário questionando a necessidade do estudo das artes. E por quê?

Pois estudar arte deveria ser tão natural quanto qualquer outra disciplina. A arte, afinal de contas, precede a matemática e até mesmo a escrita. Os homens das cavernas já eram produtores de arte, muito antes de raciocinarem os números ou as letras. Então qual o motivo dessa aversão repentina? Será que não vivemos, em 2019, além de um movimento anti-ciência, também um processo anti-história e anti-arte? Sendo assim, o que podemos, como profissionais que já partem de um lugar de descrédito, fazer para aproximar arte e juventude?

Esta pesquisa pretendeu acompanhar um processo. Processos não se encerram, mas, ao invés, se transformam. Pessoas não são objetos estanques, mas seres em constante evolução. Portanto, esta não é uma conclusão, mas uma reformulação da pergunta inicial. Como podemos valorizar arte e escola no Brasil de 2019?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

_____. **A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. **Cartogragar é acompanhar processos**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2015.

FERRARI, Solange; KATER, Carlos; FISCHER, Bruno; FERRARI, Pascoal. **Por toda parte**, 9º ano – 1ª edição. São Paulo: Editora FTD, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Edittora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho cartográfico**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2015.

LARANJEIRA, D. H. P.; IRIART, M. F.; LUEDY, E. **Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil**. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612018000200010&lang=pt/ Acesso em: 22 de abril de 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o que: sobre o ofício de professor**. São Paulo: Editora Autêntica, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.